



UFMT
EM REDE

LINGUAGENS NÃO VERBAIS

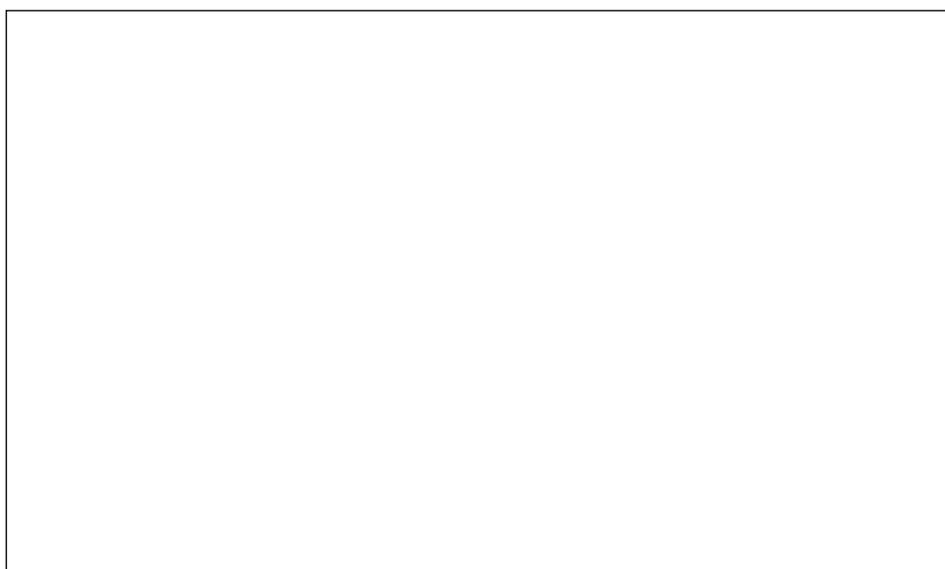
Maria Lucia Cavalli Neder
Lucia Helena V. Possari

Cuiabá-MT

2021

Apoio: Projeto UFMT Popular

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)



Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário



Esta obra está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional

Ministro da Educação

Milton Ribeiro

Reitor da UFMT

Evandro Aparecido Soares da Silva

Vice-Reitora

Rosaline Rocha Lunardi

Secretário de Tecnologia Educacional

Alexandre Martins dos Anjos

Coordenador Geral do UFMT Popular

Alexandre Martins dos Anjos

Diretor do Instituto de Educação

Tatiane Lebre Dias

Produção Gráfica

Secretaria de Tecnologia Educacional - SETEC/UFMT

Diagramação

Fiana Bamberg

Apoio: Projeto UFMT Popular

LINGUAGENS NÃO VERBAIS

Maria Lucia Cavalli Neder

Lucia Helena V. Possari

OBJETIVO

- Apresentar conceitos de texto e de leitura
- Discutir a respeito da linguagem não verbal.

CONTEÚDO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 5 |
| UNIDADE I - NÃO-VERBAL: Linguagem, texto e leitura..... | 7 |
| UNIDADE II - LINGUAGEM NÃO-VERBAL | 13 |
| UNIDADE III- GESTUALIDADE..... | 17 |
| ENCERRANDO O DIÁLOGO | 27 |
| REFERÊNCIAS..... | 28 |
| SOBRE AS AUTORAS..... | 29 |

INTRODUÇÃO

Neste curso, nos propomos a estudar as linguagens não verbais.

Acreditamos que possamos colaborar para com a interação, a produção de sentidos, portanto, para as leituras que fazemos dessas linguagens. As produções de textos de gestualidade e dos cinco sentidos necessitam ser feitas nas interações presenciais e online.

É preciso que fique bem claro que as LINGUAGENS não se separam. Quando interagimos, usamos todas as nossas formas de expressão. Ao falarmos, gesticulamos, movemos a cabeça, os olhos, as mãos, sorrimos. Enfim, movemos todo corpo.

Quando escrevemos, geralmente, o texto será lido por outra pessoa, num outro tempo, num outro espaço, ou seja, a interlocução pela escrita nem sempre é simultânea, ao mesmo tempo.

Assim, para nos fazermos entender, temos que redigir com todos os recursos: letras, pontuação, textos coerentes e coesos. Para chamarmos a atenção sobre algum ponto, grifamos palavras, utilizamos cores diferentes. Se a situação for informal, acrescentamos desenhos. Se digitarmos o texto, então, aproveitamos os recursos dos editores de textos: cores, tipos diferentes. Tudo isto é para buscarmos nos fazer entender o melhor possível.

E quando recebemos um texto: um livro; um poema; uma propaganda nos cartazes (outdoors), na TV; uma novela; um texto teórico; um sorriso de alguém; uma bronca de alguém, ou seja, quando estamos no papel do leitor?

Poderíamos continuar exemplificando eternamente. Mas, isto é para convencionar com você o conceito de texto: Então: **TEXTO É TUDO QUE ME PERMITE ATRIBUIR SENTIDOS. ATRIBUIR SENTIDOS, ENTÃO, É LER.** Ou seja, produzimos textos em todas as linguagens e lemos todos os textos.

Com que linguagens trabalhamos e vivemos, então?

Que textos produzimos?

Como ler os textos não verbais?

Buscando respostas a estas questões, propomos reflexões sobre respostas possíveis. Não se trata de manual, trata-se de oportunizar estudos antropológicos, sociais, semióticos

e de comunicação, feitos por pesquisadores que colocam a nossa disposição para a produção de textos, produção de leituras e alertas de como o não-verbal, juntamente com o verbal, integram os processos de interação.

Estudaremos a Linguagem não verbal.

Consideramos adequado separar os estudos em unidades.

UNIDADE I - NÃO-VERBAL: LINGUAGEM, TEXTO E LEITURA

Nesta Unidade, conversaremos sobre Linguagem não verbal, de maneira geral. Ou seja, falaremos do que pode ser considerado não verbal, do ponto de vista da produção, do texto e da atribuição de sentidos, da leitura. Veremos que se faz necessário repartir, combinar o código e, além dele, o contexto e a cultura

Com isto, objetivamos enfatizar alguns conceitos de que precisaremos, quando estivermos tratando de cada texto não verbal. Ainda mais, temos por intenção frisar para você o quanto nos fazemos compreender e compreendemos além da fala e da escrita.

O homem é um ser em movimento e, ao mover-se, põe em funcionamento formas de expressão completas e complexas que são, de resto, compartilhadas, a exemplo das formas de língua. Portanto, ao exprimir-se com seu corpo, ele o faz de maneira tão clara, que não há mais como desdizer-se ou voltar atrás. (RECTOR e TRINTA, 1999, p.21)

O trecho acima é para começarmos a conversar sobre não-verbal.

Os autores falam de movimento, de mover-se, de formas de expressão e de que depois de se expressar através do corpo, que pode ser, pelo gesto, pelo olhar, pelo sorriso, por exemplo, não há como negar o que se queria fazer significar. Ou seja, é pelo corpo que dizemos se estamos felizes, gostando ou não de algo. Portanto, é difícil negar pela fala o que o corpo já disse.

Assim, falar-se em não-verbal é falar-se de todo o corpo: verbal, menos a fala.

Imagine que você esteja vendo a TV e decida tirar totalmente o som! Fica engraçado ver as pessoas se movendo, gesticulando, sorrindo. É o mesmo que ver um filme do tempo do cinema mudo, Chaplin, por exemplo. Todavia, ambos os exemplos trazem recursos suficientes para tal?

Quando observamos a distância uma conversa entre duas pessoas ou pessoas de um grupo e não conseguimos ouvir o que dizem, podemos perceber pelos gestos, risos, expressões faciais, passos para frente e para trás, se a conversa é amigável, se é séria, se é briga.

Como conseguimos entender o que se passa?

Como conseguimos entender o que se passa?

É pela linguagem não verbal, corporificada em texto não verbal.

Faz-se necessário explicar melhor e para isso vamos rever alguns conceitos.

Todas as teorias que falam do não verbal falam de **COMUNICAÇÃO** não-verbal. Falam, ainda, de **EXPRESSÕES**. Essa caracterização demonstra uma concepção de linguagem como comunicação e expressão. Para além desses conceitos, **LINGUAGEM**, para nós, será sempre **INTERAÇÃO**.

LINGUAGEM

Linguagem são todas as formas de que nos utilizamos para **INTERAGIR**. Para interagirmos, temos que estar colocados numa situação de comunicação.

Para interagirmos, temos que estar num dos dois pólos da interação e produzir signos (das linguagens: verbal e não verbal), portanto, um texto (fala, palavras escritas, gestos, olhares) cujos significados conhecemos previamente.

Para que a linguagem se concretize, tem-se a necessidade da materialidade do **TEXTO**.

TEXTO

TEXTO é a corporificação da linguagem (signos). Só é texto o que significa para mim (condição)

Vale lembrar, então:

Só pode ser considerado texto aquilo que para mim é passível de compreensão e de atribuição de sentidos

O que isto significa?

Significa que, para entender o texto que os outros produzem, eu preciso repartir com eles os mesmos signos, compreender o que dizem, por que gesticulam daquele modo? Por exemplo, por que olham daquele modo? Estes são os códigos que tenho que decodificar para entender e aí atribuir sentidos aos textos deles.

LEITURA

Se atribuir sentidos é LER. Então, O QUE É LEITURA?

LEITURA:

É um processo de decodificação, de compreensão e de atribuição de sentidos.

Vejamos, por que eu compreendo que determinado franzir de testa do meu interlocutor significa *que ele não entendeu bem o que eu quis dizer?*

Franzir testa ou fechar a cara não está em nenhum dicionário. Está no nosso repertório cultural. É por isso que, quando assistimos a um filme, vemos os gibis, assistimos a um filme mudo, lemos uma charge, olhamos as pessoas de longe, conseguimos compreender a situação. Ou seja, lemos o não-verbal, a partir de experiências que tivemos, com as quais aprendemos durante toda vida.

Isto nos leva a falar sobre signos.

SIGNOS

Os signos são aqueles que apontam algo para alguém. No nosso dia-a-dia, lemos signos que podem ser sinais.

Sinais ou índices são os signos, códigos que indicam que algo já aconteceu ou está para acontecer. Lembra-se da máxima: *onde há fumaça há fogo?*

Então, quando percebemos muita gritaria numa sala, ou um silêncio profundo, corremos para ver o que significa, pois, tanto os gritos quanto o silêncio podem indicar que algo não está tão bem. O silêncio na nossa cultura não é bem aceito

Alguém correndo, pode significar pressa. Se estiver perto de um ponto de ônibus e o ônibus estiver se aproximando, e a pessoa ainda está um pouco longe, ela corre para alcançar o ônibus. E se for numa pista de atletismo? Pode ser treinamento ou corrida de competição. Então, além de sabermos o código, temos que ver também o contexto.

Podemos fingir para fazer o que queremos fazer significar? Conseguimos perceber quando fingem ao falar conosco?

Signo é o que me possibilita interagir com outra pessoa. Ele é índice quando sinaliza o que poderá acontecer. Ele é símbolo quando está convencionalizado, codificado. Ele é ícone quando tem “parecência” com o que quer fazer significar, por exemplo uma foto, uma estátua.

Além das convenções temos que saber sobre o contexto e a ideologia.

Falar de ideológico implica falar de SIGNO, que só pode ser pensado enquanto atividade social, porque produzido coletivamente. Situa-lo fora é levar a discussão para o lado subjetivo.

Possari e Neder (2002, p.20) acrescentam:

Pensar o signo apenas como resultado da consciência dos indivíduos sem levar em conta as condições gerais em que foi gerado e, na realidade, deixar de percebê-lo como signo ideológico, isto é, que reflete determinada concepção de realidade social que veicula, esconde, articula e organiza os interesses de classe.

Além de levar em conta socialmente, o signo precisa ser visto como produto cultural.

Sobre cultura, Rector e Trinta afirmam:

Quando falamos de cultura de um povo ou de um país, damos a esse termo um sentido abrangente. É o conjunto de relações que o ser humano entretém com o meio natural e social em que vive. É também um resultado de sucessivos atos de comunicação. (RECTOR E TRINTA, 1999, p.73)

A essas concepções acrescentamos a de Geertz (1986), que consideramos englobar as demais e enfatizar o conceito de trama e de rede. Ele diz que: “o homem se enreda nas teias de cultura que ele mesmo teceu”. Isto significa que os seres humanos repartem significados, nas suas ações, nos seus gestos, nas suas falas. E que essas teias são ligações do que repartimos como significado. Por exemplo, é um traço cultural brasileiro, a fofoca. É por ela que ficamos sabendo de verdades ou inverdades. Outro traço cultural é gostar de música e de dança, sejam quais forem os gêneros e os estilos.

Para termos fluência cultural, temos que estar inseridos numa determinada cultura e enraizados nos fatores étnicos, geográficos e sócio-econômicos. É necessária esta

fluência cultural para estarmos aptos a produzir ou compreender textos verbais ou não-verbais de uma comunidade

Dessa forma, como nem sempre sabemos das teias de significados dos outros, podemos nos enganar com seus textos/códigos, ou seja, ler equivocadamente. Isto geralmente ocorre quando vemos textos de outros países. Principalmente piadas de outros países. Nem sempre conseguimos rir, pois, lá, as pessoas riem de coisas diferentes das que nós rimos.

Acreditamos relevante trazer ainda o conceito de cultura para Quéau: “ é aquilo que pode dar a toda pessoa razões para viver e ter esperança. É o que pode dar meios de agir, a fim de aumentar a beleza e a sabedoria do mundo”(QUÉAU, 2002, p.. 460)

Somos essencialmente seres que se fazem compreender (produzem textos) e compreendem (leem textos) para muito além do que falamos ou escrevemos. Nosso corpo significa e, portanto, gestos, olhares, sorrisos, significam. Estes últimos são considerados signos/códigos, pois, numa mesma cultura (teia de significados), nós repartimos seus sentidos. Esses textos podem ser do corpo, de nós, num processo de interlocução com os outros, ou de textos como desenhos, pinturas, ou textos das mídias, como gibi, filmes, vídeos, que trazem histórias infantis, novelas, propagandas.

ATIVIDADE I

1 - Assinale a alternativa correta:

- a - Linguagem são todas as formas de que nos utilizamos para INTERAGIR. Para interagirmos, temos que estar colocados numa situação de comunicação.
- b - Língua verbal somente
- c - Linguagem não verbal somente
- d - Não é para interagir

RESPOSTA A

2 - Relacione os conceitos de cultura a seus autores, numerando os parênteses:

- I - “é aquilo que pode dar a toda pessoa razões para viver e ter esperança. É o que pode dar meios de agir, a fim de aumentar a beleza e a sabedoria do mundo”
- II - É o conjunto de relações que o ser humano entretém com o meio natural e social em

que vive. É também um resultado de sucessivos atos de comunicação.

III - : "o homem se enreda nas teias de cultura que ele mesmo teceu". Isto significa que os seres humanos repartem significados, nas suas ações, nos seus gestos, nas suas falas"...

() RECTOR E TRINTA

() QUÉAU

() GEERTZ

Resposta II, I, III

UNIDADE II - LINGUAGEM NÃO-VERBAL

AS DIFERENTES LINGUAGENS NÃO-VERBAIS

Aprende-se a linguagem não verbal na interação com os outros, de acordo com a cultura em que estamos inseridos.

Ao interagirmos, mantemos, com os outros, intercâmbio de ideias emoções e sentimentos. Pelos textos não verbais comunicamos intenções, sentimentos e desejos. Esses textos não são expressões automáticas são signos aprendidos para serem usados como índices, sinais, ou convencionados como símbolos.

As formas de saudações, por exemplo, são várias e dependem da cultura a que pertencemos. Usamos variada combinação de parte do corpo: cabeça, olhos, braços, mãos, dedos.

A maneira de cumprimentar, estendendo a mão, é comum nas nossas relações. Ao darmos a mão e apertarmos efusivamente a mão da outra pessoa, estamos transmitindo confiança, cordialidade, franqueza etc. Quando nos dão a mão somente com a ponta dos dedos e rapidamente a retiram, temos a impressão de que não nos queriam cumprimentar.



Fotos produzidas por Lucia Helena Vendrúsculo Possari

Outras formas de nos expressarmos são: crisar as mãos, entrelaçando-as, contrair a boca, apertando um lábio contra o outro; morder a ponta do lápis, dar tapinhas nas pernas cadenciadamente; esticar o pescoço para arrumar o colarinho. Essas ações demonstram que algumas vezes nos expressamos necessariamente para interagir. Mas, nem assim, escapamos à leitura dos outros.

Mas, afinal, que sinais são esses que emitimos sem mesmo ter a intenção?

E culturalmente são lidos e interpretados?

Você já havia pensado nisto?

RECTOR e TRINTA (1986, p.41) apresentam o quadro que se segue. Dividem as linguagens sem palavras em muitos sentidos e categorizam entre dimensão não-verbal, formas de expressão e interpretações possíveis. Respectivamente, vamos chamar de linguagem, texto e leitura:

| LINGUAGEM | PRODUÇÃO /TEXTO | POSSIBILIDADES DE LEITURA |
|----------------------|---|---|
| Olhar | Fixo, esquivo, de esgue-lha, esperto, distante | Informa sobre estados afetivos; sobre a vida interior, traduz significado moral, da indicação de dotes pessoais com inteligência, profundi-dade. |
| Maneios de ca-beça | Cabeça erguida ou baixa; rigidez; pescoço encolhi-do ou estirado; movimen-tos para cima e para baixo | Pontuam as frases, acompanhando a entona-ção ou reforçando-a; substituem as formas ver-bais de sim e não, e, ainda talvez. |
| Mãos | Cruzam-se, colocam-se em repouso, uma sobre a outra; dão socos no ar; abrem-se, exibindo a pal-ma; crispam;, os dedos se mexem. | Remetem à palavra, duplicando-a, dão uma imagem do pensamento; registram a tensão, o medo, ou a vontade; denunciam posições ou convicções. |
| Gestos | Movimentos dos braços, dos ombros e das mãos, a expressão corporal | O corpo fala; substituem palavra ou realçam a expressão lingüística, dando vida e cor; infor-mam sobre os estados afetivos. |
| Posições do corpo | Peito inflado; busto ergui-do, posições das pernas; maneiras de sentar-se | Informam acerca das características psicológi-cas as pessoas; do grau de segurança; desen-voltura; timidez; estatura moral; posição hierár-quica. |
| Movimentos do corpo | Sentar-se; levantar-se; mexer-se; bater com os pés; andar de um lado para outro | Registro de sensações de ordem geral; desve-lam como se desdobra o diálogo. |
| Mediação dos objetos | Brincar com lápis, com ci-garros, com relógio, com o próprio rosto, com bo-tões de roupa; rabiscar | Assim se procede para liberar alguma tensão, disfarçar a apreensão; indicação de cansaço e de interesse, manutenção de auto-controle. |

| LINGUAGEM | PRODUÇÃO /TEXTO | POSSIBILIDADES DE LEITURA |
|---------------------------------|---|---|
| Ruídos | Tosse, pigarro, limpeza a garganta, barulhinhos com a boca, suspiros, exclamações | Intenção fora dos domínios da linguagem verbal oral. |
| Manifestações psicofisiológicas | Enrubescer; empalidecer; sentir calores ou calafrios; gaguejar, suar frio, crispá-lo; ter respiração alterada | Informam sobre condições psicológicas (normais ou não); forte emoção, medo; surpresa; ansiedade; desgosto; raiva etc. |

Este quadro não pretende esgotar todas as linguagens, os textos e as possíveis leituras. Todavia, nos dá um panorama do que seja o não-verbal na interação. Cada item destes veremos nas unidades seqüentes.

Todos nós já passamos por as situações indicadas. Suamos frio, “perdemos o rebolado”. Assim também nossos interlocutores nos dão a conhecer seus textos e, às vezes, nos surpreendemos com pessoas que julgávamos tão confiantes e que de repente, se mostram tímidas

Demos prosseguimento, até aqui, às questões relativas à linguagem ao texto e à leitura não-verbais, relacionando-os com o que se quer dar a conhecer quando produzimos um texto não verbal: olhares, gestos, posturas, movimentos. A leitura que os textos promovem podem ser muitas, são polissêmicas.

Assim, o nosso interlocutor vai poder optar pelas possibilidades como as que estão elencadas na 3ª. Coluna do quadro. Para todas essas informações houve aprendizado durante toda nossa vida: formal.

Pôde-se ver que tudo se constrói com o tempo, nas relações e que são muitos os fatores que nos influenciam. Dentre eles as mídias que ouvimos, vimos, pelas quais interagimos e através das tecnologias, pela internet, principalmente que nos permitem a telepresença e o virtual.

SUGESTÃO

Assista a programas de entrevistas a canais de TV, rede aberta ou paga e observe quanto às posições do corpo (veja quadro), quais são as possibilidades de leitura quanto ao entrevistador e do entrevistado. As possibilidades vão variar da linha editorial de cada canal/programa.

Confirme isto.

ATIVIDADES

1 - Complete com a alternativa correta a afirmação das autoras:

Pelos textos não verbais comunicamos intenções, sentimentos e desejos.

Então...

- a** - Temos que apertar fortemente a mão e quem cumprimentamos;
- b** - Não devemos mover a cabeça enquanto falamos;
- c** - Esses textos não são expressões automáticas são signos aprendidos para serem usados como índices, sinais, ou convencionados como símbolos.
- d** - Esses textos são expressões automáticas e não são signos aprendidos para serem usados como índices, sinais ou convencionados como símbolos

RESPOSTA CORRETA C

2 - Complete, analisando o quadro de RECTOR e TRINTA, apresentado anteriormente, as frases abaixo

- a** - Ruídos;; tem como possibilidades de leitura Intenção fora dos domínios da linguagem verbal oral
- b** - Movimentos do corpo; Sentar-se; levantar-se; mexer-se; bater com os pés; andar de um lado para outro, tem como possibilidade de leitura.....
- c** - Com os gestos podemos produzir textos através de

RESPOSTA

- a - Tosse, pigarro, limpeza a garganta, barulhinhos com a boca, suspiros, exclamações;*
- b - Registro de sensações de ordem geral; desvelam como se desdobra o diálogo.*
- c - através de movimentos dos braços, dos ombros e das mãos, a expressão corporal .*

UNIDADE III- GESTUALIDADE

GESTOS

Nesta Unidade, falaremos sobre os gestos. Como gesticulamos num tempo e num espaço. Veremos a intencionalidade ou não dos gestos e a maneira como os gestos emolduram a linguagem falada, ou, na ausência dela, constituem-se como textos, permitindo a interação.

Nosso objetivo é fundamentar nosso conhecimento de senso-comum sobre os gestos. Com essa fundamentação, pretendemos sistematizar os conhecimentos, para que a proposta de atividades com linguagens não verbais se efetive, permeada sempre pelo conceito de adequação às situações comunicativas, situações de interação que se apresentarem, sendo elas de produção de texto ou de leitura .

Em seu livro sobre linguagem corporal, os autores Allan e Bárbara Pease consideram:

A linguagem do corpo é o reflexo externo do estado emocional das pessoas. Cada gesto ou movimento pode ser uma valiosa fonte de informação sobre a emoção que ela sentindo num determinado momento (...) O segredo da leitura da linguagem corporal está na capacidade de captar o estado emocional de uma pessoa, escutando o que ela diz e observando seus gestos e atitudes. (PEASE & PEASE, 2005, P.19)

Nossas abordagens ultrapassarão a questão emocional. Falaremos de gestos como linguagens, textos e leitura, para os processos de interação em geral.

RECTOR e TRINTA (1986) consideram que todo gesto é uma ação. Elementarmente uma ação pela qual se envia sinal visual para o interlocutor.

Constitui-se num ato, quando, carregado de sentidos (já convencionados), possibilita ao interlocutor atribuir sentidos/ler.

Por se falar em sentidos, referentes agora, aos nossos cinco (audição, visão, paladar, olfato e tato), os gestos põem em ação, principalmente os braços, o rosto, o sorriso, as pernas, os olhos, a boca, a cabeça do produtor do texto e põem em ação basicamente a visão e o tato do leitor/interlocutor.

Gestos são movimentos significativos do ser humano num determinado espaço.

Achamos importante acrescentar também: num tempo.

DIVISÃO DOS GESTOS

Estudar os gestos, pressupõe saber como eles são divididos.

Nominado o que RECTOR E TRINTA (1986) categorizam, apresentamos:

- **expressivos**, não necessariamente com intenção de comunicar. Repartimos esses gestos com outros animais (andar, o erguer braços, pernas);
- **mímicos**, aprendidos culturalmente para a interação (modos de abraçar, de tocar os outros, modos de olhar, de sorrir) e para a imitação no caso do teatro;
- **simbólicos**, para a interação, por exemplo para agradecer ou ofender.
- **técnicos** como os utilizados num estúdio de gravação para pedir silêncio, ou uso codificado, como a linguagem dos surdo-mudos;
- **maquinalis**, quando com o corpo, com as mãos imitamos, por exemplo tocar piano, tocar guitarra, ou ainda, lamber os beiços sem se estar comendo, imitando o prazer do gosto.

É importante ressaltar que um gesto pode ser classificado por mais de uma categoria acima. É o contexto que vai determinar.

É importante lembrar, aqui, que andar é próprio do ser humano, mas o modo de andar vai determinar muitos sentidos: apressado, pesado, vagaroso.

Alguém, quando faz-de-conta que está com uma guitarra e imita estar tocando, faz uma mímica. Entre pessoas é também comum “mostrar o dedo”. Este gesto simbólico é ofensivo e o usam quando querem perturbar, agredir ou chamar a atenção.

Os gestos podem ser chamados também de relíquia, quando se observa em determinada pessoa, geralmente criança, suga o dedo, ou o adulto suga a caneta, lembrando o gesto de estar sendo amamentado.

Não se deve falar em gestos universais, pois eles dependem da cultura e do contexto de situação para serem significativos, mas é possível relacioná-los a situações comunicativas, como segue:

TIPOS DE GESTOS

- gestos cuja função é de apontar a direção, o caminho e que varia de acordo com a posição do gesticulador;
- gestos para indicar aceitação ou recusa. Pode ser feitos com a cabeça, ou com os dedos;
- gestos para cumprimentos; saudações, despedidas, em casamentos, em enterros;
- gestos que denotam a união entre pessoas, por exemplo colocar anel de casamento no dedo do noivo da noiva;
- os sorrisos são gestos de muitos significados (falaremos deles detalhadamente);
- gestos que mostram a situação em que nos encontramos: se somos subalternos ou chefes, se estamos em desvantagem ou não, submissão ou dominância;
- gestos que indicam confiança em entidades como santos ou Deus, quando erguemos a cabeça para agradecer ou invocar;
- gestos para justificar um estado de espírito de irritação ou raiva: atirar objetos nos outros ou contra paredes.

Poderíamos continuar indefinidamente a falar do uso dos gestos, mas vamos, pelos já citados classifica-los conforme RECTOR E TRINTA, p. 91-92 :

emblemas: aprendidos conjuntamente com uma cultura específica. Seus suportes são as várias partes do corpo, com ênfase no uso das mãos, dos braços, músculos faciais, movimentos com a cabeça. Mover a cabeça para sim e não não em o mesmo significado para todas as culturas. Todavia, colocar o indicador na boca, para pedir silêncio é repartido por quase todas elas.

ilustradores: não são tão explícitos quanto os emblemas. São usados intencionalmente para auxiliar a fala, enfatizam palavra ou frase, apontam objetos, denotam relação espacial. Por exemplo: vou por aqui! E se mostrar com o dedo a direção.

reguladores: são os que usamos em situação de interação para concordar, discordar ou até para nos mostrarmos desinteressados: movimentos de cabeça.

Manifestações afetivas: sorrir, para e mostrar afeto ou até desdém.

Adaptadores: aprendidos para acompanhar o ato verbal ou mesmo substituí-lo. Movimentos de mãos para indicar ansiedade.



Fotos produzidas por Lucia Helena Vendrúsculo Possari

A postura também pode ser considerada indicativa de como os interlocutores se sentem. Dentre os textos não verbais, ela é de mais fácil identificação. Se é embaraçoso descobrir que o corpo emite reveladores e imprevisíveis, é também confortável poder ler esses sinais.

POSTURA

A postura revela:

- a conformação dos ombros pode indicar timidez, fúria ou ainda pesos que a pessoa pode ter carregado fisicamente durante a vida. Pode indicar o caráter e te como o ser humano se relaciona com outro.
- as costas curvadas podem significar submissão; se erguidas, eretas, podem significar orgulho segurança;
- o peito inflado, o busto erguido, as posições das pernas e as maneiras de nos sentarmos, podem indicar nosso grau de segurança, timidez, ou nossa posição hierárquica.

É possível observar a postura física das pessoas com quem interagimos pela internet, principalmente: por escrito, por ícones; conversas com familiares pelo SKYPE; webconferências etc.

Assim como nos demais casos, a cultura também interfere nos significados e regulamente as posturas. É pouco recomendável que numa reunião de negócios ou numa entrevista para pedir emprego, o candidato se sente escarrapachado, de pernas abertas.

O importante do que dissemos até aqui é que os gestos são movimentos socialmente expressivos do corpo humano, nenhum movimento ou expressão corporal é destituído de sentido no contexto em que se dá, os gestos são culturalmente determinados, a atividade corporal visível influencia o comportamento de outros membros, e tem por isso, a função de construir por imitação e, ainda, possibilitar um gestuário para movimentos corporais significativos. Por exemplo, fazer figa para desejar que algo se concretize e dê boa sorte.

Dos gestos que mais chamam a atenção, os do rosto, as expressões faciais, são extremamente significativas.

Para Possari e Neder (2001, p..43), o rosto permite dois tipos de movimento: a posição da face que encara ou desvia e a mobilidade dos traços bem como sua coloração (enrubescer, empalidecer).

Um rosto aberto é um rosto móvel, um rosto fechado, é sinônimo de introspecção não é possível, assim, lê-lo com facilidade. O aberto possibilita que descubramos o bom rosto, a cara boa: as faces maiores fazem desaparecer as rugas, os lábios se entreabrem, as sobrancelhas se erguem, o rosto permite o rubor. O mau rosto está acentuado por traços por contrações que enfatizam rugas e sua coloração, em geral, é macilenta, cinza.

A posição do rosto desempenha papel importante, dela depende também o que queremos fazer significar. Por exemplo, manter o rosto a frente, encarar, pode ser significado de atenção e de conhecimento. Ocultar o rosto, virá-lo, numa situação de interação, pode significar falta de interesse, recusa ou até mesmo desfeita.

Até que ponto quem faz a expressão facial garante que vai significar exatamente o que ele quer dizer?

Ou ainda:

Quem vê o rosto com determinada expressão tem também a garantia de estar lendo, pondo sentidos que coincidam com o que o primeiro queria?

Há também que se levar em conta que certas expressões acompanham gestos e palavras e é preciso se estar atento para o que significam.

SUGESTÃO:

ASSISTA AO FILME: LIÇÕES DE VIDA, DA TRILOGIA CONTOS DE NOVA YORK, e confirme a gestualidade e seus significados.

O GESTO DE SORRIR

O sorriso também está incorporado à gestualidade.

Segundo Pease & Pease(2005), o sorriso serve ao propósito de dizer ao outro que você não constitui uma ameaça e, portanto, quer ser aceito. Referem-se os autores ao comportamento igual ao dos primatas.

No Brasil, há uma classificação para os sorrisos: sorriso amável, sorriso simpático, sorriso de orelha a orelha, sorriso amarelo, sorriso enigmático. Isto confirma o que dissemos anteriormente: que culturalmente e nas relações é que aprendemos adequar nossas expressões. Vale lembrar que para o sorriso não é diferente. Os sorrisos podem ser classificados como:

O SORRISO DE LÁBIOS CERRADOS.

Os lábios cerrados se distendem numa linha reta escondendo os dentes. Este gesto pode significar que quem está sorrindo não quer revelar sua opinião a respeito de algo. Quer dizer também: adivinha o que estou pensando? Mas, pode significar, ainda, uma ironia ao que foi dito ou ao que está sendo visto. Para este caso é impossível dar uma opinião definitiva quanto aos significados.

O SORRISO TORTO

Emoções opostas são divididas em cada lado do rosto. Como se um lado do rosto estivesse zangado e o outro feliz. Este sorriso é mais próprio de nós ocidentais. Ele é feito deliberadamente para indicar sarcasmo, ou seja, reprovação ao interlocutor com risinho torto. Pode substituir uma frase como: *suas pernas de taco de bilhar são tão lindas! Ou sua cinturinha de máquina de lavar é um charme!*

O SORRISO DE QUEIXO CAÍDO

É um sorriso treinado, onde a mandíbula inferior é jogada para baixo, para dar a impressão de que quem sorri está brincando e se divertindo. Segundo Pease & Pease é o sorriso favorito dos políticos artistas, para criar reações alegres em suas platéias ou angariar votos.

O SORRISO DE LADO, OLHANDO PARA CIMA

Com a cabeça abaixa levemente e virada para o lado, a pessoa dirige um olhar para cima com um sorriso de lábios entreabertos. Este grupo gestual produz um ar juvenil, divertido e misterioso. Quando dado por uma mulher, é o favorito dos homens, pois desperta neles sentimentos de proteção e de cuidados. Segundo Pease & Pease era o sorriso característico de lady Diana.

Veja abaixo os vários tipos de sorriso que comentamos acima:



Fotos produzidas por Lucia Helena Vendrúsculo Possari

É claro que poderemos classificar inúmeros outros sorrisos, como o de dentes todos à mostra. Para ser considerado um sorriso pleno, confiante, franco, faz-se necessário que os cantos da boca dirijam-se aos cantos dos olhos. Se não chegarem aos olhos e não mover as sobrancelhas, o sorriso não será largo e não convencerá.

Possari e Neder (2002, p.44) destacam que:

O mais usual é o sorriso com os lábios superiores ligeiramente abertos, mais usado nas situações de cumprimento, onde apenas poucos dentes ficam à mostra. Em momentos de sensação agradável, usamos o sorriso aberto, dente superiores e inferiores aparecem sem constrangimento.

Birdwhistell, entrevistado por Davis, (1979), afirma que todo ser humano sorri, mas o significado do sorriso difere de cultura para cultura. Equivale dizer que o que afirmamos diz respeito à cultura ocidental, os orientais, japoneses, árabes e esquimós terão que ser estudados separadamente.

Ele afirma também que os que dão mais risadas não são necessariamente os mais felizes. Para ele, quando crianças, aprendemos situações, nas quais se espera um sorriso e quais aquelas em que ele é indispensável e o aprendizado varia de lugar para lugar, de cultura para cultura.

Do sorriso faremos um recorte para o riso.

De que se ri no Brasil?

Você responderá: de coisas engraçadas!

E o que é engraçado para nós?

Para Bergson (1999), geralmente rimos daquilo que não nos emociona. Tomemos por exemplo uma piada que conte algo que aconteceu em um velório. Ora, se estivermos envolvidos emocionalmente com quem morreu, não riremos.

Rir é escancarar o sorriso, tendo em vista um fato que consideramos engraçado. Intensificar o riso com movimentos corporais é gargalhar.

Sobre o que se ri, no Brasil, infelizmente rimos das piadas feitas, principalmente na TV, onde são colocados para o escárnio geral: o pobre, o negro, a mulher ("a lora burra"), o homossexual, o feio, o gordo, o dentuço etc.

Trataremos disso como Estigma.

Para Goffman (1982,p. 12)

O termo estigma pode ser usado em referência a um atributo profundamente depreciativo. Um estigma é sem dúvida o que é considerado uma “deformidade física”

É muito comum, pessoas rirem das outras por causa de orelhas de abano, olhos vesgos, às vezes, pela cor da pele, outras por serem índios ou japoneses, por serem gordos, por serem magros demais. Os exemplos podem ser muitos. Referimo-nos ao bullying.

Estas observações dizem respeito diretamente às diferenças (um dos eixos de nossos estudos). Para Goffman (1982): A diferença em si deriva da sociedade, porque, em geral, antes que uma diferença seja importante ela deve ser conceitualizada pela sociedade como um todo.

As crianças apenas vão reproduzir o que a sociedade, a família e as mídias convencionaram, portanto, simbolizaram como diferença e como estigma.

SUGESTÃO

Assista, através da globoplay, a série antiga dos Trapalhões e veja se é possível constatar as afirmações vistas até aqui sobre rir e sorrir.

ATIVIDADE

Assinale a alternativa correta:

- 1 - Birdwhistell, entrevistado por Davis, (1979), afirma que
- a - todo ser humano sorri, mas o significado do sorriso difere de cultura para cultura;
 - b - Nem todo ser humano sorri;
 - c - Todos os seres humanos, independentemente da cultura, sorriem igualmente
 - d - Não há diferença cultural entre sorrisos.

RESPOSTA CORRETA A

- 2 - Sobre do que se ri, no Brasil, as autoras afirmam:

- a - Rimos de tudo;
- b - rimos das piadas feitas, principalmente na TV, onde são colocados para o escárnio

geral: o pobre, o negro, a mulher(“ a lora burra”), o homossexual, o feio, o gordo, o dentuço etc.;

c - só rimos das pessoas que conhecemos;

d - não rimos das piadas feitas pela TV, sobre o pobre, o negro, a mulher, o homossexual, por exemplo.

RESPOSTA CORRETA B

ENCERRANDO O DIÁLOGO

Ao final deste módulo, gostaríamos de retomar nossos objetivos, propostos inicialmente, e dizer que abordamos a gestualidade de modo geral, especificamos os gestos, classificando-os.

A importância desses conhecimentos se dá pelo fato de sabermos interagir não só verbalmente. Observar a linguagem não verbal daqueles com os quais interagimos e, se atuarmos como professores, que saibamos compreender essa linguagem que se acrescenta à linguagem verbal, para se produzirem significados, é fundamental

Acreditamos ter contribuído para ampliar sua compreensão sobre linguagem, linguagem não verbal e o processo de significação.

Desejamos sucesso!

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. **O riso**. Rio: Zahar, 1982

CASTRO, Lucia Rabelo de. **Infância e Adolescência na Cultura do Consumo**. Rio: Nau, 1998.

DAVIS, Flora. **A Comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

FREITAS, Giovanina G. **Corporeidade - o esquema corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Unijuí: Ed. Unijuí, 2004.

GEERTZ, C. **Interpretação das Culturas**. Rio: Guanabara, 1986

GOFFMAN, Erving. **Estigma - notas sobre a manipulação da Identidade criadora**. Rio: Zahar, 1982.

HALL, Edward. **La dimensión oculta**. Mexico: Siglo Veintiuno, 1986.

MORAES, José R. **O que é música**. São Paulo: Brasiliense, 1990

PEASE, Allan & Bárbara. **Desvendando os Segredos da Linguagem Corporal**. Rio: Sextante, 2005.

POSSARI, Lucia H.V e NEDER, Maria L.C. **Linguagem - o entorno o percurso**. V.1 Cuiabá: EDUFMT, 2001.

RECTOR, Mônica e, TRINTA, Eduardo. **Comunicação do corpo**. São Paulo: Ática, 1999.

RECTOR, MÔNICA e TRINTA, Eduardo. **Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SOBRE AS AUTORAS



Maria Lucia Cavalli é doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, É professora da Universidade Federal de Mato Grosso desde 1973. Lecionou durante 21 anos no Departamento de Letras. Atualmente, é professora do Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação, com atuação direta nos projetos de educação a distância. Foi Reitora da UFMT entre 2008 e 2016. Exerceu também os cargos de Pró-Reitora de Graduação, coordenadora de curso, chefe de departamento, coordenadora do Núcleo de Educação Aberta e a Distância do Instituto de educação da UFMT. Suas pesquisas têm-se ocupado de duas vertentes: Formação de Professores e Educação a Distância. Suas publicações englobam: livro didático para o Ensino Fundamental: **Produção de leitura e produção de texto; Material didático para a Educação a Distância: Linguagem: o ensino, o entorno, o percurso** -ambos em co-autoria com Lucia Helena Vandrúsculo Possari. Outras publicações teórico-metodológicas têm como eixo central a Educação a Distância. Foi consultora do MEC-FNDE para produção de Material para a Educação a Distância.



A profa. **Lucia Helena Vandrúsculo Possari** é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É professora da Universidade Federal de Mato Grosso desde 1977. Lecionou durante 20 anos no Depto. de Letras. Desde 1997 é professora do Curso de Comunicação Social, habilitação Radialism I-FCA-UFMT. É professora e orientadora do Programa de Mestrado e Doutorado Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO, da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso - Cuiabá - MT. Suas pesquisas têm-se ocupado das vertentes: Comunicação e Educação; Comunicação e Cultura e de Comunicação e Cibercultura; . Suas publicações dentre outras:: livro didático para o Ensino Fundamental: **Produção de leitura e produção de texto; material didático para a Educação a Distância: Linguagem: o ensino, o entorno, o percurso** -ambos em co-autoria com Maria Lucia Cavalli Neder. Outras publicações teórico-metodológicas como os **Processos sêmio-discursivos em Educação a Distância**, demonstrando que o texto, na não presencialidade autor/leitor, é a possibilitação da interação, complementam seus trabalhos. Em e-book organizou: Semioses: do cotidiano a cibercultura. Cuiabá: EdUFMT, 2015.



Esta obra está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional